



Cururu – Original Caipira¹

Marco Antonio Visconte ESCRIVÃO²

Natália Marques MIGUEL³

José Amauri de OLIVEIRA⁴

Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP

RESUMO

O Cururu, repente tradicional do interior paulista, conta a história de uma região conhecida como Médio Tietê, que compreende as cidades Piracicaba, Sorocaba, Laranjal Paulista, Tietê, entre outras.

Neste vídeo, seus principais expoentes na atualidade fazem uma boa prosa sobre as origens, os rumos e os causos do Cururu. Assim, características deste canto não poderiam ficar de fora, como a viola, a rima e a provocação.

O papo manso original caipira está hoje totalmente inserido na globalização, convidando todos a um dia de Cururu recheado de boas histórias.

PALAVRAS-CHAVE: cururu; caipira; folclore popular; cultura; documentário.

INTRODUÇÃO

A idéia deste documentário surgiu com a proposta de um trabalho final para a disciplina de Realidade Socioeconômica e Política Regional do curso de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP, campus Bauru.

Esta disciplina ao tratar de vários aspectos referentes ao estado de São Paulo, nos levou a refletir sobre como está hoje, inserido no processo de globalização capitalista, o folclore paulista e as manifestações da cultura caipira.

Dessa forma, resolvemos retratar através de um vídeo a história do Cururu. Os desafios poéticos acompanhados pela viola, que ainda hoje tem forte expressão na região do Médio Tietê.

¹ Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Filme de não-ficção / documentário / docudrama (*avulso*).

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso Comunicação Social – Habilitação em Rádio e TV, email: mescrivao@yahoo.com.

³ Estudante do 7º. Semestre do Curso Comunicação Social – Habilitação em Rádio e TV, email: na_miguel@hotmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social – Habilitação em Rádio e TV, email: amaurioliv@hotmail.com.



A obra é um estudo sobre as lendas ao redor do tema, o desenvolvimento ao longo dos anos e como sobrevive inserido na globalização. Também é um estudo sobre o caipira no passado e presente.

2 OBJETIVO

O objetivo do vídeo é divulgar essa manifestação cultural para todas as camadas, inclusive as mais distantes do meio rural, como as urbanas, esclarecendo e situando a sociedade brasileira a cerca de uma cultura que não parou no tempo, que tem a preocupação de se reciclar e se adaptar às novas gerações, afim de não ser esquecida.

Dessa forma, deve-se fazer um trabalho de pesquisa profunda sobre o tema, como o surgimento do caipira, a introdução da viola nesse meio, suas manifestações ao longo dos anos. Tudo a fim de transformar os estudos em um vídeo completo que acrescente informações de forma clara e descontraída, sem se tornar maçante.

3 JUSTIFICATIVA

O projeto vem para divulgar uma tradição do interior paulista para que ela não se perca com os anos e não seja soterrada pela globalização que tanto sufoca manifestações populares regionais. Tem o interesse de manter viva uma cultura predominantemente caipira, da região do Médio Tietê.

Este estudo, concluído por um vídeo que contenha todas as especificidades do Cururu, contribui com a desmistificação de estereótipos e com a consolidação desse fenômeno da cultura popular, ampliando também o conhecimento nacional a cerca do interior paulista e desta tradição que tem início com bandeirantes portugueses.

O documentário alcança uma linguagem simples com um bate-papo descontraído, típico da naturalidade caipira, para abordar temas intrínsecos ao Cururu: o surgimento, a viola, a rima, os assuntos cantados, o caipira, a região, entre outros. Temas fundamentais para que o vídeo esclareça, sem teorizações, um assunto tão natural.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A intenção do trabalho é a de estudar o cururu, contribuindo para que se entenda a resistência dessa manifestação folclórica caipira até os dias de hoje, e não apenas citar fatos e histórias divertidas, ou as rimas e as habilidades dos violeiros.

Entendemos que o Cururu é construído por fatores culturais e étnicos, por pessoas de diversas áreas do conhecimento que se interagem todo o tempo.



Portanto, procuramos através do documentário, entrelaçar dados da história e da memória, no intuito de uma melhor compreensão a respeito do cururu, principalmente em relação às mudanças que esta manifestação folclórica sofreu ao longo do tempo.

Como se trata de uma pesquisa fundamentada na tradição oral, escolhemos para entrevistas para o vídeo, e também para pesquisa antes dele, pessoas diretamente ligadas ao Cururu na atualidade mas que já estão envolvidos com essa manifestação cultural há algum tempo, seja pela tradição passada pelos pais, seja por interesse próprio ou ainda por trabalharem com o ramo da cultura.

A idéia não é traçar uma retrospectiva da história oral, e sim relatar de forma simples um movimento que perdura e se sustenta sem grandes incentivos, somente pela dedicação e conquista de espaços dos próprios cantadores, como são chamados os repentistas.

Após uma pesquisa sobre o tema com a bibliografia de estudiosos do tema e também apoiadores dos encontros de cururueiros, como Werinton Kermes, secretário da cultura da prefeitura de Votorantim, Sérgio Santarosa com o livro “Prosa de cantador: a História e as histórias dos cururueiros paulistas” e a tese de mestrado “O Cururu – uma manifestação folclórica caipira – e Sua Sobrevivência Frente à Globalização” de Dinah Castilho, colaboraram muito para o entendimento da tradição, podendo assim dar início à captação das imagens.

A segunda fase se deu com o contato estabelecido diretamente com os cururueiros, marcando um dia de cururu: conversas, entrevistas, e o desafio entre os cantadores de Sorocaba vs. Piracicaba no fim do dia.

Cido Garoto, grande cururueiro, foi de imensa importância para que as filmagens acontecessem, devido a sua extrema paciência, simplicidade e poder de organização, convidando para o evento os demais cururueiros que encontramos no vídeo.

Recebemos através dele também o livro “Cururu: retratos de uma tradição” que junto às demais bibliografias nos ajudou a construir a entrevista e o cd “Cururu ao vivo: encontro de repentistas” que pudemos acrescentar ao vídeo, enriquecendo-o ainda mais.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O que é o Cururu?

Podemos dizer que o Cururu é um desafio cantado, um repente improvisado. Acompanhado de uma viola, instrumento de origem portuguesa trazido pelos bandeirantes na época da colonização, é muito praticado na região do Médio Tietê, e resiste até os dias



de hoje mesmo em meio ao mundo globalizado e metropolitano, demonstrando a força dessa manifestação folclórica que é uma das mais antigas do Estado de São Paulo.

Os “canturiões”, esses trovadores populares, duelam entre si geralmente separados em duplas que competem com outras duplas, sempre tiradas ao acaso. Alguns desses homens viajam quilômetros para disputarem competições e obter o “título” de melhor cururueiro.

Ao contrário do repente nordestino, no qual o desafiante responde a pequenos versos, no Cururu, o repente paulista, é preciso muita atenção e concentração pois o cantor pode ficar vários minutos rimando sem parar, até dar voz ao próximo competidor.

A participação do público é fundamental para o desafio. É ele que define o cururueiro que mais se destacou e que deve ser declarado o vencedor. É importante cativar o público com a escolha do tema a ser cantado e é justamente por isso que os canturiões não gostam de serem sorteados para começar a competição, pois serão as “cobaias” responsáveis por sentir a preferência do público.

A seguir, mostramos a divisão do cururu em uma apresentação de João Chiarini (apud ANDRADE, 1994, p.78):

- a) Introdução: sorteio dos cantadores na ordem de apresentação;
- b) Louvação; saudação ao santo e/ou ao público presente;
- c) Aparteação: desenvolvimento das carreiras, que são as palavras-chave das rimas;
- d) Baixão: é um lai ... lai... lai com que finalizam a cantoria numa carreira, melodia sem palavras

As duas primeiras são agradecimentos, ao povo e a Deus (ou aos santos). Essa louvação é uma herança do passado, pois o Cururu fora muito usado como instrumento da Igreja para catequese dos índios. Desenvolveremos essa questão mais adiante. É somente no “ataque” que o cururueiro se dirige ao adversário, com temas que podem ser brincadeiras – seja com seu modo de vestir, cantar – ou desafiando seus conhecimentos políticos, esportivos, sociais e, principalmente da “escritura”, da Bíblia, pois ainda hoje é na época das festas religiosas que essa tradição ganhar mais força.

Uma regra que os cururueiros devem seguir é ter ética para com os competidores. Alguns temas são proibidos entre eles, pois podem ofender o adversário e mesmo o público presente, como mencionar a família do participante, seus defeitos físicos ou sua etnia,

mesmo porque é comum que as duplas sejam compostas por um negro e um branco. Se um cantador optar por esse tipo de rima ofensiva, certamente vai voltar o público contra si.

Atualmente, quem promove a festa contrata em média quatro cantadores de cururu. Estes serão responsáveis pela contratação de outros três ou mais curueiros. Um fato que observamos é que o cururueiro mais famoso, por ser o mais habilidoso na arte de rimar os versos, ou mais conhecido pelo seu talento, diante do grande público, normalmente é o primeiro contratado pelos festeiros.

Também é imprescindível a presença do “pedreste”. Ele é um cururueiro que, além de colocar os cantadores em ordem, mantinha-se dentro da roda. Era seu papel, ainda, no cururu rural, onde havia a presença da dança, fazer os sorteios para a colocação dos cururueiros, além de apresentar os melhores cantos, os nomes dos cantadores e, por vezes, incitá-los a continuar cantando.

Cido Garoto, cururueiro e nosso entrevistado no documentário, afirma que o primeiro é o pedreste e é ele quem dá início às rimas. Nota-se também que no cururu apresentado atualmente o número um é parceiro do número três. Os outros números pares são parceiros entre si.

A mais importante das regras é que se siga sempre a rima, – ou como dizem os canturiões – a “carreira” iniciada pelo primeiro competidor. Na carreira do A todos os versos rimam em “A”. Assim, se o cantador que iniciar o cururu optar cantar na carreira do “A”, todos os outros cantadores o seguirão na mesma carreira, até que o último cantador conclua sua cantoria.

É curioso notar que o português correto, acadêmico, não é seguido pelos cantadores. Por exemplo, quando um cururueiro puxa essa carreira do “A” isso implica rimar palavras como “cantá”, “discançá”, “festejá”. Os próprios admitem que preferem usar esse dialeto “caipira”, simples da terra, dizendo que os que optam por rimar com o, digamos, português clássico, acabam sendo taxados de cafona e não agradam ao público.

Os temas cantados podem conter humor, sátira, fatos sociais que estão presentes no dia-a-dia. Também ocorre dos cantadores se referirem aos “pontos fracos” dos adversários. Por exemplo, quando o cantador a quem o primeiro se referiu com gozações “dá o troco”, respondendo, argumentando e superando-o em algumas vezes. Neste momento é que temos a participação da platéia rindo, aplaudindo, e é assim que se pode perceber quando um cantador se sai melhor que o outro, garantindo no final a vitória.

O Cururu ganhou notoriedade principalmente a partir das décadas de 50 e 60, e mesmo numa época em que fenômenos como os Beatles e a Jovem Guarda dominavam a

mídia, algumas rádios do interior passaram a divulgar os desafios de repente, causando certa euforia entre a população, principalmente com os “Quatro Bambas do Cururu”, programa que contava com os maiores canturiões da época.

Os cantadores e violeiros de cururu escolhidos para as entrevistas do documentário foram selecionados por acreditarmos que refletiriam com propriedade acerca da tradição que permeia o cururu.

Origem

Se as regras do Cururu podem ser consideradas simples, o mesmo não se pode dizer da sua origem. São diversas as versões apresentadas e cada uma conta com apoio de estudiosos e cururueiros.

Estudos indicam que o Cururu nasceu como uma dança. Os que defendem essa tese, como Mário de Andrade, Antônio Candido, Alceu Maynard de Araújo e Luís da Câmara Cascudo, discordam quanto à finalidade de tal dança, pois enquanto os três primeiros acreditam que o Cururu teve sua origem a partir da adaptação das danças cerimoniais indígenas, Cascudo diz que ela tinha efeitos catequéticos e por isso mesmo era considerada uma dança sem qualquer intenção sexual. Hoje o Cururu restringe-se a uma cantoria, na qual permanecem muitas de suas características iniciais: habilidade do cantador sobre o tema, briga poética, utilização do dialeto caipira em alguns casos, a presença da viola, entre outras.

O termo “cururu” também causa controvérsia: alguns afirmam que vem das palavras “curuzu” ou “curu”, a maneira que os índios tentavam pronunciar a palavra cruz. Este é mais um argumento que evidencia a religiosidade como forte elemento dessa manifestação, pois era usado para catequização dos índios e hoje ainda tem como seu maior evento as Festas do Divino Espírito Santo. É extremamente comum as rodas de cururu nesta festa tão tradicional de origem portuguesa.

Talvez a explicação mais aceita atualmente seja a do sincretismo cultural: os jesuítas incorporaram os cânticos e a viola lusitana com as danças indígenas do Brasil, a fim de facilitar a catequese dos nativos.

Porém há os que acreditam na origem folclórica do termo cururu, mesmo nome de um sapo da região. Grande parte dos cantadores segue essa linha, como Luizinho Rosa que afirma: “*O cururu, ele vem mais o mêno de um histórico que é o nome antigo do sapo. Sapo, porque vem dos índio que dançava tudo pulano que nem sapo. Então surgiu essa lenda do cururu com o nome de sapo. Esse é o começo do cururu.*”



Com o tempo o Cururu sofreu transformações, até tornar-se apenas um desafio entre cantadores, uma forma de repentismo caipira que desde a década de 1950 não se utiliza mais de coreografia.

O professor Alberto Ikeda resumiu a evolução do Cururu em:

- 1) Danças cerimoniais indígenas;
- 2) reinterpretação das danças cerimoniais indígenas
- 3) cururu-dança: dançado em roda, diante dos altares, com temática predominante religiosa e com canto improvisado (desafio implícito).
Comum no ambiente rural;
- 4) cururu cantoria-de-improviso: adaptado ao ambiente urbano como espetáculo, sem dança, com temática profana (desafio explícito);
- 5) cururu-canção: gênero de canção sertaneja, com permanência apenas do ritmo tradicional

Onde acontece

O Cururu está presente em praticamente toda a região do vale do Médio Tietê, Sorocaba, Piracicaba, Tietê, Votorantim, Laranjal Paulista, Cerquillo, Porto Feliz, entre outras. Existe Cururu também nos estados de Mato Grosso e Goiás, com características específicas nessas regiões.

Analisando o percurso que o Cururu faz pelas cidades do interior paulista fica evidente a importância dos bandeirantes no processo de disseminação dessa manifestação folclórica, pois promoviam as monções, expedições pela água, navegando pelo rio Tietê e difundindo o Cururu.

O cururu, que durante um determinado período, ocupou grande espaço nos teatros, nas rádios e nas praças centrais, hoje sobrevive em espaços menores. Ainda existem programas de rádio, principalmente em Sorocaba, mas não é algo tão comum pela região do Médio Tietê, como foi no passado. Também são frequentes algumas cantorias promovidas pelas prefeituras em datas especiais ou por instituições como o Sesc. Porém, o principal espaço do cururu atual parece ser mesmo os bares, lanchonetes e festas privadas realizadas principalmente nas periferias das cidades.

6 CONSIDERAÇÕES

O trabalho em forma de documentário para a disciplina Realidade Socioeconômica e Política Regional do curso de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e



Comunicação – UNESP, foi realizado a fim de esclarecer, alertar e entreter interessados no assunto e mesmo a população em geral, que percebemos ter pouco conhecimento a respeito do tema. Sentimos a necessidade de um produto que valorizasse a cultura regional.

Com o desenvolvimento das pesquisas e da produção em si, tivemos a certeza de que a cultura popular não é algo intrinsecamente conservador, mas sim um símbolo de resistência diante da influência do capitalismo que descaracteriza e sufoca os movimentos regionais.

Alertamos a todo o estado em primeiro lugar, e em seguida ao país, que esta necessidade de valorização da cultura regional deve ser contemplada antes que uma manifestação como o Cururu se perca, perdendo também a referência do povo caipira.

Hoje ainda temos pessoas que lutam para a divulgação de manifestações regionais da cultura brasileira, o que é determinante para essa sobrevivência frente a globalização, e também temos violeiros que ao combaterem de forma poética, se transformam em grande artistas orgulhosamente nacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Textos escritos

ANDRADE, Maria Inês Alves Borges de. **Prata da Casa** – O papel do intelectual João Chiarini – Uma contribuição à História de Piracicaba –(1930-1950). 1994. Dissertação de Mestrado – UNIMEP .Piracicaba-SP

CASTILHO, Dinah G. **O CURURU** – uma manifestação folclórica caipira – e Sua Sobrevivência Frente à Globalização. Rio Claro. UNESP. 2007

GARUTI, Aparecido. **Cururu**: retratos de uma tradição. Sorocaba: Create, 2003

IKEDA, Alberto T. **Cururu**: Resistência e Adaptação de uma modalidade Musical da Cultura Tradicional Paulista. São Paulo: Arte UNESP, v.6, 1990

ROSA, Sergio Santa. **Prosa de cantador**: a História e as histórias dos cururueiros paulistas. Botucatu: FEPAF, 2007

Outros produtos

Cantoria Caipira: o Cururu do Médio Tietê (documentário). Direção, Roteiro e Edição: Aléxis Góis e Cláudio Coração. Mangaba Produções. Botucatu: 2007. DVD (50 minutos)



Cururu: (Des) Encontros no Tradicionalismo Caipira (Documentário). Direção, pesquisa e Roteiro: Nicholas Rauschenberg. Produção: Quasar Studio. Sorocaba: 2007. DVD (52 minutos)

Cururu ao vivo: encontro de repentistas. Dito Carrara, Cido Garoto, Gusto Belo e Manezinho Moreira. Dinâmica Produções Artísticas. Laranjal Paulista. CD (37 m 52 s)